

# ENTRE SABERES E PRÁTICAS: UM RELATO SOBRE A PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS DE POVOS TRADICIONAIS, QUILOMBOLAS E INDÍGENAS EM CUIABÁ-MT

Ana Claudia Taube Matiello<sup>1</sup>  
Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta um relato de experiência sobre a participação na I Olimpíada e II Mostra Científica Estadual de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas realizada em Cuiabá – MT, estabelecendo uma relação dessa vivência com a disciplina *Ensino de Geografia e Formação de Professores*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso. A discussão proposta busca evidenciar a relevância do papel do professor de Geografia na formação crítica e na transformação de corpos e mentes dos estudantes envolvidos no evento. A metodologia adotada fundamentou-se em pesquisa bibliográfica e observação participante, permitindo a coleta e a análise de elementos essenciais para a elaboração do estudo. Almeja-se, com este debate, fomentar a continuidade da participação de professores, alunos e voluntários em iniciativas semelhantes, capazes de proporcionar experiências formativas e aprendizagens significativas ao longo da vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação; Ensino de geografia; Mostra científica.

## BETWEEN KNOWLEDGE AND PRACTICES: A REPORT ON PARTICIPATION IN EVENTS OF TRADITIONAL, QUILOMBOLAS AND INDIGENOUS PEOPLES IN CUIABÁ-MT

**ABSTRACT:** This article presents an experience report on participation in the 1st and 2nd State Scientific Exhibition of Traditional, Quilombola, and Indigenous Peoples held in Cuiabá, Mato Grosso, Brazil. It relates this experience to the Geography Teaching and Teacher Training course offered by the Graduate Program in Geography at the State University of Mato Grosso. The proposed discussion seeks to highlight the relevance of the geography teacher's role in the critical development and transformation of the bodies

---

<sup>1</sup>Professora Mestra em Geografia pela Unemat, Lucas do Rio Verde-MT, e-mail [ana2015matiello@gmail.com](mailto:ana2015matiello@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8316-8455>.

<sup>2</sup> Professora dos programas de Pós-Graduação em Geografia e em Ensino Intercultural Indígena da Unemat; Coordenadora do projeto *Mais Ciência na Escola*, com financiamento do MCTI e MEC, executado pelo CNPq. Email: [leal@unemat.br](mailto:leal@unemat.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8733-8255>.

and minds of the students involved in the event. The methodology adopted was based on bibliographic research and participant observation, allowing for the collection and analysis of essential elements for the study. This discussion aims to foster the continued participation of teachers, students, and volunteers in similar initiatives, capable of providing formative experiences and meaningful lifelong learning.

**KEYWORDS:** Participation; Geography teaching; Scientific exhibition.

## ENTRE SABERES Y PRÁCTICAS: UN INFORME SOBRE LA PARTICIPACIÓN EN EVENTOS DE PUEBLOS TRADICIONALES, QUILOMBOLAS E INDÍGENAS EN CUIABÁ-MT

**RESUMEN:** Este artículo presenta un relato de experiencia sobre la participación en la 1.<sup>a</sup> y 2.<sup>a</sup> Exposición Científica Estatal de Pueblos Tradicionales, Quilombolas e Indígenas, celebrada en Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Esta experiencia se relaciona con el curso de Enseñanza y Formación de Profesores de Geografía del Programa de Posgrado en Geografía de la Universidad Estatal de Mato Grosso. La discusión propuesta busca destacar la relevancia del rol del profesor de geografía en el desarrollo crítico y la transformación de los cuerpos y las mentes de los estudiantes que participaron en el evento. La metodología adoptada se basó en la investigación bibliográfica y la observación participante, lo que permitió la recopilación y el análisis de elementos esenciales para el estudio. Esta discusión tiene como objetivo fomentar la participación continua de profesores, estudiantes y voluntarios en iniciativas similares, capaces de proporcionar experiencias formativas y un aprendizaje significativo a lo largo de la vida.

**PALABRAS CLAVE:** Participación; Enseñanza de la geografía; Exposición científica.

### INTRODUÇÃO

Descrevemos, neste relato de experiência, a participação, como voluntária, no evento intitulado I Olimpíada e II Mostra Científica de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas, realizado na capital do estado de Mato Grosso, nos dias 7 e 9 de novembro de 2022, junto à disciplina de Ensino de Geografia e Formação de Professores, no período da obtenção de créditos no mestrado.

Essa disciplina foi ministrada com o objetivo de compreender o papel do professor, bem como a formação em sala de aula, utilizando referências bibliográficas de autores como Santos (2003), Cavalcanti (2012), Corrêa (2012), Freire (2014) e Santos; Araujo; Baumgarten (2016). Ela possibilitou uma reflexão sobre a educação nos dias atuais buscando a compreensão do papel de formado

e também a complementação dos conhecimentos em relação à diversidade étnico-cultural existente nas escolas e a importância dos povos tradicionais na educação.

O evento foi realizado na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus Cuiabá e contou com a presença de professores, alunos e avaliadores do trabalho, entre outros participantes. A conexão entre o evento e a disciplina oferecida no mestrado buscou colocar o professor-pesquisador em contato com os alunos de escolas privadas e públicas, principalmente as de cunho tradicional, como a dos povos quilombolas, rurais e indígenas. A finalidade consistiu em que a participação resultasse em uma produção científica, que desse visibilidade às experiências de um tema da vivência desses alunos na sua escola, sob a orientação de um professor.

Dohmer (2001), ao falar sobre o trabalho voluntário no desenvolvimento da produção científica e evento, afirma que: "O voluntário se beneficia de sua ação, seja de maneira espiritual, afetiva, política ou ideológica" (Dohmer, 2001, p. 2). Neste caso, o voluntariado surgiu da necessidade de incluir a Escola Estadual Terra Nova (Escola Agrícola) no evento, como escola do campo e referência no ensino e aprendizagem dos saberes do campo. Assim, como moradora do município de Terra Nova do Norte-MT, aluna do curso de Mestrado em Geografia e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), apresentamos o evento à escola, que já havia participado no ano anterior, o que resultou no convite para uma imersão na escola para a compreensão e reflexões sobre suas ações.

Como afirma Cavalcanti (2012), a escola expressa um lugar de encontro de culturas, saberes de diversas formas, fazeres e deveres. Isto é, o local que lida com as diversas culturas existentes; é nela que os alunos compreendem suas vivências e realidades, sendo o professor o mediador desse aprendizado. Desse modo, entendemos a importância do papel da escola, bem como a do professor na

educação, na transformação do aluno, substancialmente do professor de geografia, que constrói os saberes da identidade cultural.

Estruturamos esta produção em três seções: na primeira, buscamos conceituar as referências e contextualizar estudos acerca dos povos tradicionais; na segunda, abordamos os autores estudados na disciplina Ensino de Geografia e Formação de Professores; e na terceira seção, relatamos a experiência como voluntária no evento, bem como versamos sobre as características da Escola Estadual Terra Nova.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Adotamos como procedimentos metodológicos do trabalho o levantamento bibliográfico e a observação participante. De acordo com Gil (2002), o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Ao utilizar esta técnica, o participante pode chegar ao conhecimento da vida de um grupo, a partir do interior dele mesmo, captando informações amplas. Trata-se, assim, de uma atividade de pesquisa orientada pela participação.

A observação participante, segundo Minayo (2001), é considerada uma parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. O pesquisador participa de todas as atividades dos grupos de estudo, sendo parte integrante do processo a ser estudado. O objetivo desta observação participante é chegar a um consenso quanto à relevância da participação da Escola Estadual Terra Nova neste evento.

Ao fazer a observação participante na Escola Estadual Terra Nova, tivemos contato com a rotina e o cotidiano escolar, tendo a oportunidade de integrar os professores, alunos e outros membros do corpo educacional, captando informações fundamentais para a Olimpíada, bem como para a produção dos 16 trabalhos realizados com os alunos das turmas do segundo ano "A" e "B".

Nestas produções, os estudantes apresentaram os seus relatos de experiência sobre os treze grupos de trabalho, sendo: suínos, bovinos, aves,

lavoura, fruticultura, horta, organização, jardinagem, ferramentas, construção, processamento e mídias, além de três trabalhos individuais sobre o caderno de campo, a importância da escola para o município de Terra Nova do Norte e a respeito da política pedagógica da escola.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### *Contextualizando os povos tradicionais do Brasil*

Para a reflexão aqui implementada, é importante compreender os povos originários brasileiros, do ponto de vista de autores que comentam o tema. Silva (2007) aponta que as populações tradicionais brasileiras são amplamente reconhecidas pela diversidade étnico-cultural, sendo representadas pelas diversas comunidades tradicionais em seus modos de vida diferenciados. Dentre os grupos de destaque, estão os povos indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, ribeirinhos, camponeses e outros existentes. Apesar de serem uma parcela importante da população brasileira, são invisíveis diante de políticas públicas governamentais.

15

Para Vianna (2008), a trajetória de reconhecimento dessas comunidades é marcada por uma imprecisão conceitual, sendo caracterizada pela vaga e genérica abrangência de conceito. O reconhecimento jurídico-formal dos povos e comunidades tradicionais passou por reivindicações e movimentos sociais, sendo apenas afirmado pela Constituição de 1988 (Neto, 2007). Esses movimentos ganharam força devido a agências multilaterais, como a UNESCO e a Organização das Nações Unidas.

Sendo assim, Rodrigues, Guimarães e Costa (2011) trazem ainda a seguinte informação sobre a constituição de 1988:

A sociedade brasileira durante o processo constituinte considerou que existem no interior do país diversos grupos culturalmente diferenciados que contribuíram para a constituição da

nacionalidade brasileira. Decorre daí a insurgência do direito coletivo culturalmente diferenciado das populações que passaram a ser consideradas como tradicionais pela Constituição de 1.988 [...]. (Rodrigues; Guimarães; Costa, 2011, p. 6).

É importante ressaltar a relevância da Constituição de 1988 e da criação da Área de Preservação Permanente (APP), que inicialmente se concentrava na preservação das áreas em degradação e na relação entre o homem e a natureza, logo, essas áreas não deveriam ser habitadas. No entanto, com os movimentos dos povos locais e os conflitos com os ambientalistas, foram realizados estudos que indicavam que essas populações contribuíam para a preservação dos locais, pois possuíam conhecimentos tradicionais sobre a localidade e seu manejo agroecológico (Filho, 2006).

Outro fator que teve um impacto significativo na criação de povos e comunidades tradicionais foi a miscigenação, influenciada por correntes de pensamento, como a de Darcy Ribeiro. Conforme aponta Ribeiro (2015), após a colonização, um novo grupo étnico foi se formando no Brasil, que se estendeu da costa atlântica até os sertões, levando diferentes formas de vida e culturas às realidades dos locais e às práticas produtivas dos territórios.

Além disso, Ribeiro (2015) salienta que a formação do povo brasileiro teve base em três pilares fundamentais: os índios, os europeus e os africanos. Nessa diversidade de etnias, existem culturas diferentes, dando origem a um povo com características próprias. Sendo assim, o Brasil é uma nação formada por uma variedade de miscigenação, formando-se um povo único.

É importante destacar que o reconhecimento desses povos tradicionais foi um marco para sua visibilidade social, e isso está ligado a diversos movimentos, lutas e resistências (Almeida, 2008). Os movimentos indígenas e dos seringueiros foram os primeiros a reivindicar as suas áreas. Depois, surgiram as quebradeiras de coco-babaçu, seguidas por castanheiros, ribeirinhos, comunidades de fundo

de pasto e camponeses, todos em prol de reconhecimento legal de suas formas de ocupação tradicional no território e uso dos recursos naturais.

As populações tradicionais permanecem silenciosas quando se examinam seus conhecimentos e contextos históricos. Os povos do meio rural são um exemplo, dada a proximidade com o meio urbano. Esse tipo de concepção deixou lacunas entre os diversos atores da sociedade que criam os seus modos de vida e uma relação com a terra (Macedo; Dimenstein, 2011).

Os povos do campo são relevantes, uma vez que seus conhecimentos devem ser valorizados pela sociedade. Muitos são esquecidos pelas políticas públicas, sobretudo os que pertencem à agricultura familiar, pois, por possuírem propriedades menores, não são alcançados pelos recursos distribuídos. Ferro e Vechi (2014) apresentam o seguinte conceito sobre a agricultura familiar:

A agricultura familiar, por sua vez, se caracteriza por explorar e fazer a gestão de suas unidades produtivas com o trabalho da própria família, tendo como base relevante às atividades da: agropecuária, extrativismo, pesca e outras o seu modo peculiar de vida. Neste caso a propriedade rural supera a função econômica da exploração para se constituir no espaço vital do indivíduo e da sua família. A diversidade, modo de vida, inserção social que constituem essa agricultura, tornando-a dependente da ação do Estado que deve editar políticas voltadas a esses segmentos com o intuito de promover sua inserção multidimensional (técnica, social, econômica, ambiental, política), respeitando suas peculiaridades (Ferro; Vechi, 2014, p. 5).

Notamos, nos últimos anos, um aumento da devastação contra os povos tradicionais, que tanto lutaram para terem visibilidade na sociedade, conforme mencionado acima, o que é prejudicial à perda de materialidade cultural existente. Pesquisas a respeito dessa temática são de suma importância, assim, este estudo busca, por meio da participação no evento I Olimpíada e II Mostra Científica de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas, contribuir com a valorização dessas populações.

*Principais autores estudados na disciplina de Ensino de Geografia e Formação de Professores*

Nesta parte do trabalho, destacamos as aprendizagens adquiridas ao longo da disciplina do mestrado em Geografia, articulando-as ao evento mencionado anteriormente, de modo a evidenciar suas relações e contribuições mútuas. Os conceitos que serão analisados são de cunho teórico das aulas ministradas para compreensão do papel do professor em sala de aula e sua busca por melhorias na educação, sendo este evento uma oportunidade de ensino-aprendizagem em prática.

Os autores estudados e a prática desenvolvida contribuem significativamente para o ensino de geografia e formação de professores, pois a educação necessita de profissionais que consigam compreender o seu papel na transformação de vidas. Como apontado durante a disciplina, é preciso ter ciência da importância do professor em sala de aula, bem como do reconhecimento da diversidade cultural nela existente. Abordaremos de forma sucinta os conceitos de Espaço, Ensino de geografia, Educação, Globalização e, por fim, Epistemologia do Sul, para compreendermos a disciplina ministrada e sua intenção na formação de professor, que seja capaz de entender sua importância como educador e transformador de corpos.

Para entendermos como a geografia deve ser ensinada, necessitamos alcançar um dos seus conceitos principais: o Espaço. Quando estudamos esse conceito, vêm diferentes formas de entendê-lo, contudo, na geografia tratamos do espaço geográfico. De acordo com Corrêa (2012), o espaço aparece como um conceito vago, estando associado a uma porção da natureza, ou pelo homem de modo particular, que deixa suas marcas. Um exemplo, seria a referência de localização, seja em escala global, continental ou regional.

A geografia, assim como outras ciências, possui alguns conceitos-chaves que dão objetificação ao seu campo de estudo e nas ciências sociais. Esses conceitos são referentes à ação do homem sobre a superfície terrestre,

interligados entre si por algum parentesco, sendo eles: paisagem, região, espaço, lugar e território. Cada conceito tem sua concepção e corrente de pensamento, gerando debates na geografia e em outras áreas de estudos (Corrêa, 2012).

Para este mesmo autor (2012), a geografia passou por várias correntes de pensamento, iniciando-se com a geografia tradicional de 1870 a 1970, em que os conceitos de paisagem e região eram os privilegiados. Os estudos estavam voltados ao positivismo, contudo, em 1970, surge a geografia crítica, fundamentada no materialismo histórico e na dialética, a qual procura romper com a geografia tradicional e o positivismo, substanciada por pensamentos marxistas. Surge também a geografia humanista e cultural, igualmente a geografia crítica, porém com pensamentos na fenomenologia e no existencialismo.

Alicerçadas nesses registros, compreendemos que a geografia é uma ciência que passou por variadas mudanças ao longo da história, tendo relevância na área de estudo do espaço. Cavalcanti (2012), a propósito do assunto, pondera que a geografia no ensino é um saber escolar do espaço geográfico, e o resultado da cultura elaborada pela humanidade, importante para a formação do aluno, pois a escola é um lugar de encontro das culturas, de saberes, tanto científicos quanto do cotidiano. A escola é um espaço que lida com culturas diferentes e de variadas formas, cabendo à geografia a mediação dessas culturas e entendimento.

É na escola que se pensa na cultura do aluno e em suas diferentes formas de existir. O professor de geografia, junto aos estudantes, em suas atividades diárias, constrói a geografia ao brincarem, e ao circularem pela cidade e pelo bairro, onde aprendem sobre espaço, lugar e território. Nessa esteira de acontecimentos, vão formando espacialidades no mundo vivido e no seu cotidiano, conseguindo construir conhecimentos geográficos (Cavalcanti, 2012).

O ensino de geografia é uma das mais importantes formas de ensinar o lugar no mundo do indivíduo que está aprendendo. O professor de geografia tem

um papel primordial ao ensinar essa matéria na escola, pois cabe a ele explicar o espaço que está à volta, o que interfere na formação. No pensamento de Freire (2014), os sonhos são projetos pelos quais se luta, e sua realização passa por obstáculos, com avanços e recuos, marchas demoradas, implicando muita luta e até contra sonhos; aspira também um ato político. Dessa maneira deve ser o professor, que ensina sempre a lutar por um projeto e um sonho, mesmo com dificuldades.

Santos (2003) busca mostrar como a globalização é perversa, imposta por meio da tirania, do dinheiro e da informação, destacando como a informação é oferecida à sociedade e à emergência do dinheiro como motor da vida econômica e social. As técnicas de informação são usadas por pessoas com poder aquisitivo, aprofundando as desigualdades sociais, nas quais o dinheiro, com todas as suas criações no mundo financeiro, tem o papel de controlar a vida cotidiana para explorar a humanidade.

Santos, Araújo e Baumgarten (2016), em suas alusões sobre as Epistemologias do Sul, buscam uma proposta de expansão da imaginação política, capaz de enfrentar os desafios deste século, com uma temática de colonialidade e pós-colonialidade, ampliando as possibilidades de compreender e repensar o mundo a partir de saberes e práticas do Sul.

Nesse viés, compreendemos o contexto que se inicia com o espaço geográfico, ensino de geografia, reflexão da educação, globalização e epistemologias, que faz repensar sobre o ensino de geografia e a formação dos professores nas escolas, fato que nos leva a indagar: a) Será que se consegue alcançar toda a compreensão do mundo atual no cotidiano do aluno? b) A geografia que se ensina na escola consegue sanar todas as dúvidas em relação a nossa sociedade? c) O aluno, ao aprender geografia, se enxerga como sujeito transformador da sua realidade e, que faz parte dela? São essas questões levantadas durante as leituras que precisam ser respondidas durante toda

formação e ensino como professores de geografia, pois perpassam a sala de aula e transcendem para eventos como a Olimpíada, valorizando os povos tradicionais e seus conhecimentos, por meio dos jovens, que são o futuro.

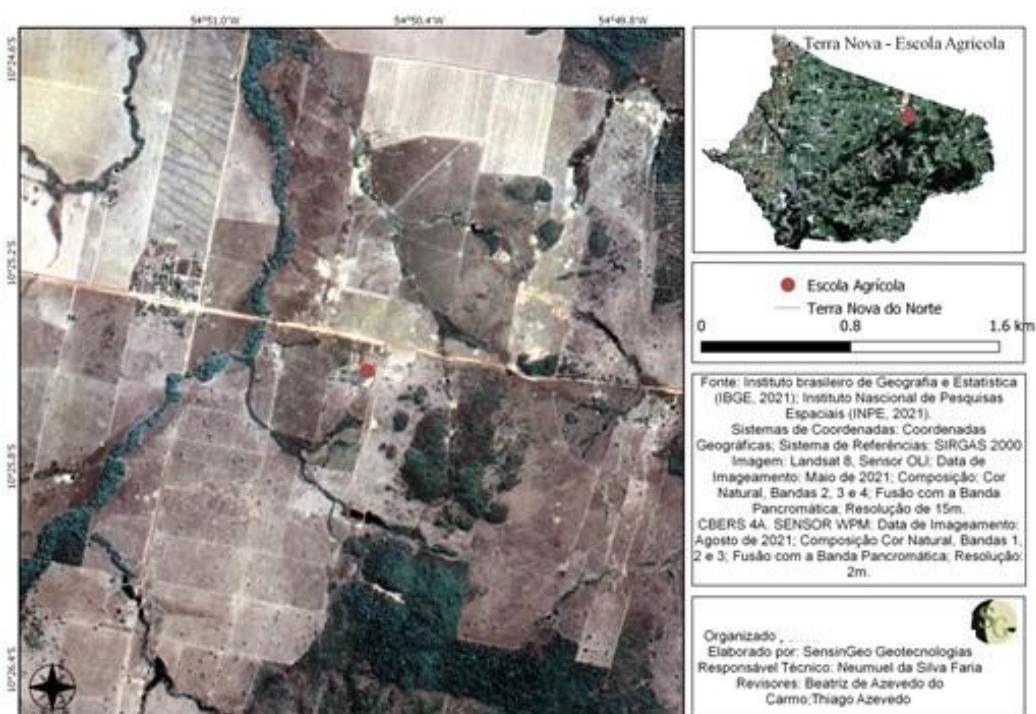
## EXPERIÊNCIA E PARTICIPAÇÃO COMO VOLUNTÁRIA NA ESCOLA ESTADUAL TERRA NOVA E NO EVENTO

Para iniciar esta discussão, faremos uma breve caracterização da Escola Estadual Terra Nova, conhecida popularmente como Escola Agrícola. Para entendermos sua importância na participação do evento em pauta, é necessário compreender sua localização no município de Terra Nova do Norte-MT.

A escola está situada na comunidade Ribeirão Bonito ou Décima Agrovila, a cerca de 50 quilômetros de distância do polo urbano do município. Atende a 260 estudantes de 15 municípios diferentes, sendo: Nova Guarita, Peixoto de Azevedo, União do Norte, distrito de Peixoto de Azevedo, Matupá, Guarantã do Norte, Novo Mundo, Colíder, Nova Santa Helena, Itaúba, Tabaporã, Marcelândia, Cláudia, Nova Canaã do Norte, Terra Nova do Norte, Altamira e Novo Progresso no Sul do Pará.

No mapa de localização (figura 1), podemos observar a escola dentro da comunidade Ribeirão Bonito e/ou Décima Agrovila no município de Terra Nova do Norte. Esta instituição escolar está bem próxima a uma comunidade terranovense, localizada a alguns quilômetros após, para facilitar o acesso ao postinho de saúde, posto de gasolina e à veterinária, o que demonstra que ela está muito bem situada.

**Figura 1** - Imagem orbital da área de localização da Escola Estadual Terra Nova na comunidade Ribeirão Bonito e/ou Décima Agrovila



**Fonte:** Organizado pela autora e elaborado por Sensigeo (2022).

22

Esse mapa de localização mostra que a escola está próxima a uma comunidade, trazendo visibilidade ao local e gerando renda e empregos para a população que lá reside. O lugar é de difícil acesso, além de ser distante do município, a estrada é precária. Contudo, a prefeitura do município está reformando essa estrada, fazendo o asfalto, tendo em vista o grande fluxo de estudantes que vão a essa escola. É importante ressaltar que a estrutura da escola é muito boa, ampla e organizada.

Para Fernandes (1973), a ideia de comunidade está ligada ao sentimento de vida em comum, fundada nas relações de parentesco e vizinhança, com base na reciprocidade, norteada por laços de afetividade ligando os indivíduos que convivem em um mesmo espaço físico e nele adquirem os recursos básicos para a sua sobrevivência.

A Escola Terra Nova é de suma importância para os estudantes e moradores das áreas rurais ou urbanas, bem como para o município de Terra Nova do Norte.

Ela proporciona aos seus alunos conhecimentos do campo. Na parte humana, traz consigo o trabalho em grupo como um dos fundamentos mais importantes defendidos na escola. Ajuda na formação, tanto técnica como pessoal, apresenta como principal destaque a formação técnico em agroecologia. Já para os moradores, ela contribui na economia, uma vez que a escola entrega produtos produzidos para a comunidade, além da formação de seus jovens.

Conforme o Projeto Político Pedagógico (2019) da Escola Estadual Terra Nova, a formação do curso técnico surgiu pela necessidade dos agricultores em proporcionar aos filhos uma educação que contribuísse para o desenvolvimento da realidade dos produtores da região, qualificando-os para o mercado de trabalho. Essa formação técnica é quase que inexistente, tendo em vista que somente algumas escolas trabalham com esse modelo, ensinando a vida do campesinato e valorizando a agricultura familiar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996), em seu Art. 28, traz a seguinte informação sobre a educação rural básica:

23

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III – adequação à natureza do trabalho na zona rural. (Brasil, 1996, p.21).

Sendo assim, a educação rural deve adequar-se à realidade dos jovens que vivem no campo, uma vez que ela não pode limitar-se a um modelo de ensino que não valorize a vivência e a experiência deles, deve atender com metodologias, calendários, organização adequados à realidade da escola rural.

Segundo Castro *et al.* (2013), a permanência dos jovens nas áreas rurais é muito importante, já que a saída deles do campo, demonstra a perda de conhecimento e de identidade. E para que isso não aconteça, necessitamos de

políticas públicas eficazes que cumpram com o papel de dar visibilidade a esses jovens rurais, principalmente na educação. A Escola Agrícola exerce essa função, dando uma educação efetiva a esses jovens que podem buscar melhorias para a sua realidade no campo, aprendendo como trabalhar com a agricultura familiar.

Participar da Olimpíada e orientar, como voluntária, os alunos da Escola Estadual Terra Nova, trouxe várias lembranças referentes à formação em geografia e também como aluna do campo. A percepção a respeito do papel de ensinar e aprender, juntamente aos alunos, causou uma profunda compreensão de nosso papel na sociedade como professora.

Conforme Freire (2014), nossos sonhos são projetos que devem ser lutados, e lutar pelos 16 trabalhos que foram realizados e apresentados é uma meta realizada, com avanços e recuos. Na subsequência, na figura 2, é possível observar alguns trabalhos desenvolvidos pelos alunos, que foram expostos na Olimpíada.

24

**Figura 2** - Trabalhos apresentados na Olimpíada



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2022).

Esse evento foi extremamente relevante para os participantes, como podemos observar na figura 2. Verificamos uma participação significativa de trabalhos, com apresentações dos alunos de forma presencial, e que também foram transmitidas via YouTube. Os alunos demonstraram conhecimentos dos

assuntos abordados e deram ênfase às suas escolas. Muitas dificuldades, desafios surgiram durante o percurso, mas foram enfrentados durante esse evento, segundo Santos (1994, p.17): “Os desafios, quaisquer que eles sejam, nascem sempre das perplexidades produtivas [...]. O que nos autoriza a ponderar que os desafios surgem durante um evento, ainda mais quando estamos produzindo conhecimento e transformando pensamentos.

Dessa forma, faremos uma breve caracterização do voluntariado nesse evento, como contribuinte na elaboração dos 16 trabalhos realizados pelos estudantes da Escola Estadual Terra Nova. Mesmo não sendo docente dessa escola, tivemos a função de ajudar no apoio aos professores dispostos a participar. Desse modo, auxiliamos na escrita dos alunos, da melhor forma possível, organizamos reuniões para explicar como funcionaria o trabalho; e, juntamente com uma professora de português, realizamos uma oficina de leitura e escrita de artigo. Também realizamos reuniões via meet nas semanas que não aconteciam aulas presenciais, pois a escola trabalha com a Pedagogia da Alternância.

De acordo com Brasil (2020), a Pedagogia da Alternância é um método que busca a interação entre os estudantes do campo e a sua realidade no dia a dia, pois o que se aprende na escola pode ser compartilhado com a sua experiência e assim por diante. O Projeto Político Pedagógico (2019), da escola agrícola estudada, aborda o tema em questão, enfatizando a relevância de contextualizar o conhecimento aprendido na escola e aplicar na realidade do estudante.

A temática das produções apresentadas foram escolhidas pelos próprios alunos da escola, que se reuniram em grupo. Como método de estudo, decidiram pela prática de campo, tendo em vista o convite recebido pela organizadora do evento. Dessa maneira, os estudantes propuseram tratar dos 12 grupos de trabalho do campo: bovino, aves, suínos, lavoura, fruticultura, jardinagem, organização, construção, ferramentas, mídias sociais, processamento, horta. Além

desses, outros quatro trabalhos com temas diversos: tempo, comunidade, importância da escola para o município, metodologia aplicada e caderno de campo. Esse trabalho contou com a participação de 40 estudante das turmas do segundo ano “A” e “B”.

Os alunos que participaram da Olimpíada, principalmente os da escola agrícola, bem como do grupo dos povos tradicionais, tiveram uma experiência única, uma vez que alguns nunca saíram para uma capital. Além de conhecerem outras histórias de vida, puderam compartilhar a sua. Os jovens de áreas rurais, como é o caso da Escola Estadual Terra Nova, puderam sentir-se parte de um evento que valoriza seus saberes. A esse respeito, Castro *et al.* (2013) tece contundentes considerações ao defender que dar oportunidades de estudo aos jovens rurais é uma forma de incentivá-los a permanecerem no campo, visto que a falta de oportunidades para estudar é umas das principais razões para deixar o campo.

Como discorrem os autores Arroyo e Fernandes (1999, p.21), “A escola do campo é a que defende os interesses, a política, a cultura e a economia da agricultura camponesa [...]”, dessa forma a escola do campo mantém viva a experiência e vivência dos povos do campo em meio aos desafios atuais que suprimem esses conhecimentos essenciais. Por isso, torna-se essencial a participação deles em eventos que possam valorizar seus saberes e fazeres.

Entendemos que esse evento proporcionou importantes conhecimentos aos alunos participantes, pois além de concorrerem a uma bolsa científica, conseguiram dar visibilidade à sua escola, mostrando os saberes e fazeres escolares. Os professores também foram beneficiados com isso, além de ensinarem a produção da escrita acadêmica, com uma linguagem mais formal, oportunizaram que os alunos se preparassem para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), com a possibilidade de tirarem boas notas, bem como ampliaram o campo de percepções dos alunos para enxergarem seu espaço de vivência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A I Olimpíada e a II Mostra Científica de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas configuraram-se como iniciativas de elevada relevância no âmbito educacional, cultural e social. As atividades desenvolvidas evidenciam a potência de ações que promovem o diálogo entre os saberes acadêmicos e os conhecimentos tradicionais, contribuindo significativamente para a valorização das identidades, territorialidades e formas próprias de organização dos povos envolvidos.

Dentre os diversos públicos participantes, destaca-se o impacto formativo observado entre os voluntários, que encontraram na experiência uma oportunidade singular para ressignificar seu papel social enquanto mediadores do conhecimento geográfico. Essa vivência promoveu reflexões importantes sobre o exercício da docência e o compromisso ético-político com as comunidades com as quais dialogam.

Além disso, o envolvimento dos docentes em exercício, ao conduzirem trabalhos junto aos estudantes, propiciou o fortalecimento de práticas pedagógicas que valorizam a leitura crítica do espaço vivido. Ao estimularem a expressão das vivências, das memórias e das representações de mundo dos alunos, os professores contribuíram para o desenvolvimento de uma consciência territorial fundamentada na realidade local, fomentando processos de pertencimento, reconhecimento e transformação.

Nesse sentido, os resultados alcançados reforçam a importância de consolidar e ampliar eventos dessa natureza, os quais se mostram essenciais não apenas para a formação continuada de professores e estudantes, mas também para a construção de uma educação comprometida com a justiça social, a interculturalidade e o respeito à diversidade. Espera-se que as reflexões aqui apresentadas inspirem novas ações e pesquisas voltadas à valorização dos povos tradicionais no contexto da educação geográfica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Antropologia dos Archivos da Amazônia**. Rio de Janeiro: Casa 8; Fundação Universidade do Amazonas, 2008.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica Do Campo, Coleção Por Uma Educação do Campo, n. 2. 1999.
- BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF : Senado Federal, [1996].
- BRASIL. Parecer CNE/CP nº 22/2020. aprovado em 8 de dezembro de 2020 – **Diretrizes Curriculares da Pedagogia da Alternância na Educação Básica e na Educação Superior**. 2020. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=170051-pcp022-20-1&category\\_slug=janeiro-2021-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=170051-pcp022-20-1&category_slug=janeiro-2021-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 09 de abril de 2023.
- CASTRO, Antônio Maria Gomes *et al.* **Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso à terra no Brasil**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2013.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. O ensino de geografia na escola. Campinas, SP: **Papirus**, 2012. p. 45-47.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito chave na Geografia**. In: CASTRO, I. E; GOMES, P.C.C; CORRÊA, R. L. Geografia Conceito e Temas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.
- DOHMER, Vania. **Voluntariado: equipes produtivas: como liderar ou fazer parte de uma delas**. São Paulo: Mackenzie, 2001.
- ESCOLA ESTADUAL TERRA NOVA. **Projeto Político-Pedagógico – Curso Técnico em Agroecologia**. Terra Nova do Norte, 2019.
- FERNANDES, F. Título do capítulo do Fernandes. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1973, p. 587.
- FERRO, Almir de Souza. VECHI, João Batista de. (orgs). **CONTEXTUALIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR EM MATO GROSSO: 2 ª OFICINA DE CONCERTAÇÃO ESTADUAL DE MATO GROSSO**. 2. ed. Sinop: Embrapa Agrossilvipastoril, 2014. p. 1-30.
- FILHO, Henyo Trindade Barreto. Populações tradicionais: introdução à crítica da ecologia política de uma noção. In C. Adams, R. Murrieta, & W. Neves (Orgs.). **Sociedades pcaboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade** (pp. 109-143). São Paulo: Annablume. (2006).

FREIRE, Ana Maria de Araújo (org.). São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atas, 2002.

MACEDO, João Paulo. DIMENSTEIN, Magda. Expansão e interiorização da Psicologia: reorganização dos saberes e poderes na atualidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 31(2),296-313. 2011. doi:10.1590/S1414-98932011000200008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NETO, Joaquim Shiraish (org). **Direito dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil**: declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional. Manaus: UEA, 2007.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil (3a ed.). São Paulo: Global. 2015.

RODRIGUES, Leila Ribeiro. GUIMARÃES, Felipe Flávio Fonseca. COSTA, João Batista de Almeida. Comunidades tradicionais: sujeitos de direito entre o desenvolvimento e a sustentabilidade. In: ANAIS DO I CIRCUITO DE DEBATES ACADÊMICOS, v.1, 2011, Brasília. **Anais do Circuito de Debates Acadêmicos programas e resumos**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, 2012. Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area1/area1-artigo13.pdf>. Acesso em: 20 de fev. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, n. 43, set./dez. 2016, p. 14-23.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice, o Social e o Político na Pós-Modernidade**. 7. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

SANTOS, Milton. **Por outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.

SILVA, Marina Osmarina. Saindo da invisibilidade - a política nacional de povos e comunidades tradicionais. **Inclusão Social**, 2 (2),7-9. 2007. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1596/1802>. Acesso em: 08 abril 2023.

VIANNA, Lucila Pinsard. **De invisíveis a protagonistas**: populações tradicionais e unidades de conservação. São Paulo: Annablume, Fapesp. 2008.

Submetido em: 08 de maio de 2023.

Aprovado em: 23 de agosto de 2025.

Publicado em: 23 de outubro de 2025.